

Viagens turísticas como experiências de fronteiras

The travel as experience of border: the know tourist and spatial practices

Fabiana Andrade Bernardes Almeida

RESUMO

O que é viagem? Um ato de deslocamento pelo espaço, um movimento dos sujeitos em busca de conhecimento ou, ainda, uma prática inerente às culturas desde os seus primórdios? Além da necessidade de sobrevivência, a história registra, há tempos, a realização de expedições de descobrimento, através de antigas navegações e outras de caráter religioso, como as peregrinações. Curiosamente, essas viagens eram encomendadas ou mesmo realizadas a mando de um rei ou até mesmo do Papa. Poderíamos, nesse caso, compreendê-las como obrigatórias? Qual o papel do sujeito na realização da viagem? O que podemos pensar da natureza do movimento das viagens? Quais seus significados na contemporaneidade? O enfrentamento dessas questões nos aproximaria da compreensão da natureza das viagens e do *saber turístico*. O fato de autores afirmarem que em essência não houve mudança entre os tipos de turismo, na contemporaneidade, apenas confirma a nossa suspeita: a compreensão teórica profunda depende, antes de tudo, do questionamento dos pilares epistemológicos que sustentam o turismo moderno contemporâneo, assim como suas ausências. Para, se necessário, reinventá-lo usando as lentes de outro *olhar*. A ciência moderna afastou o *sujeito do conhecimento* de suas próprias experiências. No Brasil e no contexto internacional, alguns pesquisadores tem se dedicado a tarefa de renovação e, dessa forma, contribuído com novas abordagens em torno das relações humanas e sociais inerentes às viagens. Nesse sentido, um exemplo mais recente se refere ao crescimento do interesse pela questão da *experiência*. Este ensaio teórico tem por objetivo apresentar o início de uma leitura crítica e criativa do significado da natureza das viagens turísticas e apontar o potencial de uma *epistemologia da viagem, de fronteira*, no campo de estudos do turismo, como possibilidade de *transição paradigmática*.

PALAVRAS-CHAVE: Viagens; Experiências; Fronteiras; Epistemologia.

ABSTRACT

What is travel? An action of moving through the space, a subjects movement searching knowledge or, yet, a culture-inherent practice since its earlier days? Beyond the needs of surviving, the history tells about the discovery expeditions, made by the ancient navigations and other with the religious objectives, as the pilgrimages. Curiously, the religious travels were made by requirement of a king or even the Pope. In these cases, we can understand these trips as mandatory trips? The wish of the subject is not necessary for the trip? What we think about the nature of the trip movements? What are their meanings on the contemporaneity? The modern scientific knowledge separate the subject of knowledge of his own experiences. The facing of this question nears us of the understanding about the nature of the travel and the touristic knowing. The fact of the authors claims that, in essence, did not occurs changes on the types of tourism in contemporaneity, only confirms our suspicion: the deep theoretical understanding depends, above all, on a questioning about the epistemological pillars that sustain the contemporary tourism as its absences, to, if necessary, reinvent it using the lens of other look. Both in Brazil as in the international context, some researchers are spend their times to a renovation task and, thereby, contributed with new ways of approach about the human and social relationships inherent of the travels. Accordingly, a more recent example regards to the growing of interest by the question of experience. The aim of this theoretical essay is presents the beginning of a critical and creative read about the meaning of the experience on the touristic travels and points out the potential of a travel, border epistemology in the field of the tourism studies, as a possibility of paradigmatic transition.

KEYWORDS: Travels; Experience; Frontiers; Touristic Knowledge

Introdução

Na modernidade contemporânea, o turismo foi concebido como um sistema, uma indústria, ou até mesmo um negócio. O que há em comum nessas leituras é a compreensão do fenômeno como um objeto alvo de planejamento e gestão (de empresas, serviços ou do território), antes mesmo de pensá-lo como uma *experiência dos sujeitos*. Este ensaio teórico é um exercício de reflexão do papel dos sujeitos no fazer turístico, através da viagem e suas relações, e na construção do saber turístico. Compreende-se esse exercício como possibilidade de reflexão crítica e criativa da natureza desse saber, assim como da renovação dos métodos de estudo e intervenção dessa área de conhecimento. Desde o início, o texto convida o leitor a uma aventura, que perpassa o contato e a passagem por questões teóricas que surgirão ao longo das reflexões.

A padronização e o crescimento das viagens em grupo, a partir da revolução turística (BOYER, 2003) têm influenciado a realização de pesquisas científicas, voltadas à compreensão do comportamento e organização dos fluxos gerados pelo *movimento dos sujeitos no espaço*, inclusive, de alcance internacional. Apesar do caráter humano e social, vinculado ao movimento de pessoas e grupos, as iniciativas de construção teórica moderna e científica do turismo, seguidas por uma perspectiva positivista e neopositivista¹, afastaram do conhecimento turístico o enfrentamento da natureza do fenômeno em si, ao priorizarem abordagens analíticas ou comportamentais de caráter objetivista. As contribuições ao conhecimento social e ambiental vieram, mais precisamente, quando os impactos da chamada “indústria do turismo”, começaram a afetar, mais diretamente, sistemas naturais e sociais em todo o mundo, princi-

palmente, nos países do Sul, historicamente explorados pelos países centrais. É nesse momento que as pesquisas geográficas e sociais ganham maiores proporções. Entretanto, ainda assim, não se percebe uma preocupação profunda dos pesquisadores do turismo na compreensão da natureza do movimento em si, suas fronteiras e significados.

A busca pela suposta neutralidade nos estudos científicos afastou o *sujeito do conhecimento* da complexa rede de relações humanas e sociais que constitui as viagens, ao priorizar as relações comerciais envolvidas no deslocamento espacial. Em consequência disso, o que se percebe, e as diretrizes do MEC ajudam a sustentar tal concepção, é a suposta área de conhecimento do turismo sendo tratada, muitas vezes, como uma técnica a serviço da profissionalização de um mercado global. Boyer (2003, p. 62) confirma essa tendência ao afirmar que a “(...) *problemática contemporânea consiste em transportar estas massas, alojá-las, regularizar o seu fluxo, chamar a sua atenção, despertar o seu desejo; mas não em renovar o turismo*”.

A crítica do autor em relação à natureza das problematizações não apenas questiona a limitação das bases produtivas e técnicas, como salienta a importância de estudos de outra natureza, necessários à renovação do conhecimento turístico. Acredita-se na contribuição de estudos de natureza *crítica e criativa* (HISSA, 2011), voltados a compreensão profunda das *relações* que se dão nas *viagens*, o que pressupõe *as zonas de contato* do conhecimento turístico com outras disciplinas e saberes.

Um primeiro passo seria o questionamento dos alicerces que deram origem a invenção do turismo, através da revolução turística, frente às transformações do mundo contemporâneo, assim como da crise dos pilares do conhecimento científico moderno ocidental (SANTOS, 85-86). Nessa direção, penso na importância de se compreender os significados profundos (que inclui as ausências) do turismo, como um exercício a outro *olhar sobre a viagem*, que não se restringe à compreensão da realidade como um objeto vivo, visualmente observável, planejável, controlável. O exemplo do que vêm ocorrendo em outras áreas do conhecimento, como na antropologia contemporânea, é válido para o turismo e todas as disciplinas modernas. Como campo potencial de conhecimento, o estudo do turismo precisa dobrar-se sobre si mesmo. Isso significa que o aprofundamento teórico depende do enfrentamento constante da natureza do conhecimento produzido, assim como de suas práticas metodológicas.

O texto está dividido em três momentos. Inicialmente encaminhamos uma visita a certas narrativas das viagens de descobrimento e das viagens *The tour*, para compreensão de alguns significados do movimento espacial que, mais tarde, culminaria na dita revolução turística. Em seguida, propomos uma reflexão teórica sobre os significados dos termos *viagem*, *experiência*, *temporalidade* e *descontinuidade espacial*. Nesse momento, questionamos o significado da substituição do termo *viagem* para *turismo*. Ao final, discutimos os desafios da experiência na contemporaneidade e questionamos a emergência dessa temática nos estudos de turismo, através de sua compreensão para além de falsos modismos.

Revisitando certas origens: viagens de descobrimento e viagens *The Tour*

No artigo “Viajar e narrar: toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras”, Pimenta (2001) afirma que as viagens antigas se diferenciam das modernas por apresentarem sentidos diferentes. Segundo a autora, os sentidos de penitência e purgação eram elaborados pe-

los antigos viajantes diante das dificuldades enfrentadas durante as navegações. Este pensamento é elaborado a partir do estudo de Eric Leed. “*As fadigas da viagem e seus sofrimentos permanecem como a causa e a medida da extensão com a qual um viajante é marcado e testado pela experiência, tornando-se ‘vagabundo’, ‘errante’ e ‘sábio’*” (LEED *apud* PIMENTA, 2001, p. 83). Nessa passagem, o renomado autor, pesquisador do comportamento dos viajantes, destaca a *experiência* como fator definidor das transformações dos antigos viajantes. Nesse caso, as dificuldades impostas pelas viagens ao Novo Mundo parecem provocar um efeito psicológico, além de um processo de aprendizado, a partir das situações imprevisíveis e de risco enfrentadas. Os significados das palavras “vagabundo, errante e sábio”, nesse contexto, pode nos dizer sobre a intensidade dessas mudanças.

Um dos significados de vagabundo é errante. Errante é o sujeito que vagueia de maneira incerta pelo mundo, sem destino². Já o sábio, no contexto da errância, pode ser compreendido como o sujeito que adquire conhecimento da vida a partir da experimentação do mundo. A viagem, nesse sentido, adquire um significado de experiência de vida, a partir da abertura do sujeito ao mundo. Viajar, nesses termos, é a arte de viver, de experimentar o mundo e adquirir sabedoria. A sabedoria, aqui, pode ser interpretada como o resultado das experiências errantes³.

É necessário ressaltar que, nesse caso, os desafios e as dificuldades levam à errância. O que as narrativas indicam é que não se parte para a viagem de descobrimento com o desejo errante, apesar de tratarmos, nesse caso, de viagens que não possuem trajetos previamente definidos, mas possuem metas e propósitos muito objetivos. No entanto, as condições de insegurança e imprevisibilidade decorrentes da viagem de navegação alteram o comportamento, o *olhar do sujeito*, que se vê incapaz de definir o seu futuro e, por isso, garantir a chegada ao local imaginado ou esperado. Se a embarcação e o conhecimento do trajeto não são seguros, o viajante se entrega ao destino. O que significa viajar de maneira incerta e aberta aos imponderáveis da viagem. Apesar de nos referirmos, aqui, às antigas viagens, não se pode negar o papel que a experiência da viagem além mar ou com objetivos errantes têm na *transformação do sujeito* viajante.

No entanto, a *transformação do mundo* resultante da história moderna ocidental modifica, também, a perspectiva das viagens. Leed (1991) localiza a viagem dos cavaleiros medievais como as primeiras de caráter voluntário e sem nenhum propósito utilitário. Interessantemente, associa esse caráter e finalidade como influências ao padrão e modelo das viagens modernas, haja vista o caráter de homens “livres” dos cavaleiros. De fato, não podemos deixar de admitir que existam diferenças nas viagens realizadas por iniciativa dos próprios sujeitos e outras realizadas por encomendas ou ordens superiores. No entanto, seria o caráter obrigatório ou voluntário o elemento definidor das experiências de viagens e das transformações dos sujeitos?

Não podemos deixar de reconhecer que as condições impostas pelas viagens antigas, ditas “obrigatórias”, suscitavam, no mínimo, certo interesse ao viajante. Caso contrário, faltaria a coragem para seu enfrentamento. Isto significa dizer que o caráter obrigatório não exclui o desejo e, portanto, o sentido de presença do sujeito para a realização da viagem. A coragem de enfrentar o desafio de uma viagem de descobrimento ou mesmo de conquista, através das antigas navegações, expressa não apenas o interesse pela riqueza ou evangelização, mas a *abertura do sujeito* ao exercício da aventura, do ariscar-se pelo mundo.

Todorov (2011) identifica a era moderna a partir de 1492, ano em que Colombo atravessa o oceano atlântico e descobre a América. A viagem de Colombo é descrita como uma

empreitada bastante perigosa. Apesar de Vasco da Gama e Magalhães já terem feito viagens mais difíceis, Colombo não poderia ter certeza do caminho, nem mesmo do fim do oceano. Naquela época, não se sabia se a terra era mesmo redonda, ou seja, Colombo não teria garantia de um retorno a terra natal. Então, o autor questiona o que teria levado Colombo a viajar. Essa referência é bastante importante, pois reforça o argumento do escritor em relação ao interesse de Colombo, não apenas pela riqueza (promessa de ouro), mas pela evangelização dos “selvagens”. Colombo não teria viajado por obrigação, apenas, mas por desejos próprios.

Em sua viagem, Colombo não somente altera o olhar diante das dificuldades enfrentadas, mas de acordo com seus diferentes interesses: a natureza, os homens da América e Deus. O olhar de Colombo para o *outro* não se resume a um único comportamento, mas sofre modificações frente à beleza da natureza selvagem, por um lado, e ao desinteresse pelos homens, por outro. A relação com Deus se expressa na manifestação da natureza e nos acontecimentos da viagem. Colombo vê por todas as partes a intervenção divina, “*seja no movimento das ondas ou no naufrágio de seu barco (numa noite de Natal)*” (TODOROV, 2011, p. 13). Já a observação atenta da natureza conduz a três direções diferentes.

[...] à interpretação puramente pragmática e eficaz, quando se trata de assuntos de navegação; à interpretação finalista, em que os sinais confirmam as crenças e esperanças que se têm; e, finalmente, a esta recusa de interpretação que é a admiração intransitiva da natureza, a submissão absoluta à beleza, segundo a qual se gosta de uma árvore porque é *bela*, por que é, e não porque poderia ser utilizada como mastro de um navio, ou porque sua presença promete riquezas. Em relação aos sinais humanos, o comportamento de Colombo será, finalmente, mais simples. (TODOROV, 2011, p. 35).

A observação atenta da natureza produz olhares distintos a partir de cenários distintos que, por sua vez, levarão a visões paradigmáticas distintas. É como se, através de uma mesma estrutura ocular, o viajante utilizasse, de acordo com seus interesses, de diferentes lentes e perspectivas de visão. Ora, é mais precisamente na admiração intransitiva da natureza que Colombo se entrega a experiência, pois na interpretação finalista “*sua convicção é sempre anterior à experiência*” (TODOROV, 2011, p.26). A experiência da beleza, como experiência estética, alcança outras dimensões. Apesar do predomínio do olhar racional imperialista, direcionado ao descobrimento, evangelização e conquista, a experiência da beleza atinge sensibilidades outras. O encantamento, o deleite de Colombo é tão intenso que leva à admiração ininterrupta das paisagens tropicais da América. A conclusão do autor é inevitável: há um desejo “*de não deixar o ápice de beleza*” (TODOROV, 2011, p. 34). Mas Todorov não para por aí e se arrisca na seguinte afirmação: “*talvez encontre aí um motivo que animou todos os grandes viajantes, conscientemente ou não*” (TODOROV, 2011, p. 35). A assertiva em relação ao desejo profundo dos viajantes parece incontestável.

No entanto, o que causa maior perplexidade na obra “A conquista da América: a questão do outro”, não é o encantamento de Colombo para com a natureza, mas a ambigüidade, a contradição de sua personalidade, quando nos deparamos com a situação de cegueira em relação aos homens (índios) e os lugares da América. É nítida a separação que faz dos homens e da “natureza”. Com os homens não há atenção alguma e muito menos comunicação, diálogo. Para Colombo, os homens não são naturais e, muito menos, humanos. Não há interesse algum de conhecimento. O que interessa é a descoberta da terra para posse imediata.

Os homens, quando muito, são tratados como objetos vivos, ou seja, ausentes de desejo próprio. São reconhecidos em números, quantidades, como animais. O que interessa é a quantidade e a seleção de amostras (sim, de índias e índios!), para que sejam monitorados e, posteriormente, dominados pelos imperadores.

Esse olhar vai permear toda a experiência de descobrimento e, mais tarde, de conquista. Os homens, quando muito, são considerados como objetos, porque pertencentes à paisagem. Esse olhar levará à destruição dos homens e da paisagem de antes do descobrimento. A dominação e destruição dos índios da América são incomparáveis a qualquer outro extermínio ou genocídio da história (TODOROV, 2011).

Não parece coincidência, o lugar que os sujeitos (desconhecidos) ocupam para Colombo ou mesmo para Cortez, navegador da terceira viagem, responsável pela etapa de conquista da América (TODOROV, 2011). A anulação do sujeito nos processos de conhecimento moderno ocidental influenciará, ainda, a experiência de conhecimento do turista contemporâneo.

Vamos reler as frases admirativas de Cortez. Uma coisa nelas chama a atenção: excetuando-se umas poucas, todas se referem a *objetos*: a arquitetura das casas, as mercadorias, os tecidos, as jóias. Comparável ao turista atual, que admira a qualidade do artesanato quando viaja para a África ou a Ásia, sem que por isso lhe ocorra a idéia de conviver com os artesãos que produzem esses objetos (TODOROV, 2011, ps. 186 e 187).

A cegueira para com a humanidade dos sujeitos é evidente. Em geral, há interesse por todas as coisas que são úteis, ou seja, que geram algum benefício direto, imediato. O contato, quando muito, se dá na esfera comercial, de consumo, no momento das trocas. Raramente, os turistas têm interesse e tempo para conviver com as pessoas dos lugares. Quase sempre, estão apressados e ávidos por fotografarem (por que raramente se conhece) tudo o que é exótico ou que está listado nos Guias de turismo. Diante dessa prática, o que pensar do olhar e saber turístico? Refere-se a uma visão específica de conhecimento ou estaríamos diante de olhares imperialistas?

Aproximemos de alguns fatos. Marc Boyer identifica as viagens modernas a partir do século XVI. Mas, “[...] do século 16 ao início do século 19, falou-se de viagem e desde Stendhal, até metade do século 20, escreveu-se turista e turismo sem adjetivo” (BOYER, 2003, p. 13). O autor apresenta, ainda, os primeiros indícios daquilo que mais tarde foi chamado de turismo, a partir das viagens *The tour*. Portanto, nos interessa, aqui, aproximar um pouco mais para, mais a frente, refletir sobre algumas contradições verificadas na atualidade.

O movimento do *The tour* e *The Grand Tour* no fim do século XVII e início do XVIII é considerado, por muitos estudiosos da área, como o principal fato histórico que marca o início de um novo padrão de viagem. Os pesquisadores Boyer (2003) e Cunha (2010) localizam o pensamento dos filósofos Tomas Locke e Francis Bacon, no século XVII, como influências importantes em relação aos aspectos educativos e instrutivos das viagens *The tour* do século XVIII. A principal delas teria sido de Montaigne, através da escrita, em 1581, do *Journal de Voyage* (Diário de Viagem). Mas, o diário de viagem do autor para Itália torna-se conhecido, somente, em 1774. Segundo Marc Boyer, “é muito por influência de Descripto, do Itinerário, que a Itália passou a ser o grande destino cultural do *The tour*” (BOYER, 2003, p. 21). No entanto, além da noção de itinerário cultural, Montaigne enaltece, ainda, o papel subjetivo das viagens no século XVI, “porque o espírito terá nisso um contínuo exercício ao encontrar coi-

sas novas e desconhecidas” (CUNHA, 2010, p.128). Ora, muito distante de qualquer elaboração teórica sobre turismo, o *Itinerario* de Montaigne apresenta a experiência do sujeito viajante como propósito que ultrapassa a noção de conhecimento meramente objetivo da cultura, o que não acontecerá com as viagens *The tour*.

The tour, fenômeno original, nasceu e se desenvolveu na Inglaterra do século 18 que fez todas as *Revoluções*: industrial, agrícola, financeira. Acrescentemos a *Revolução Turística*; os aristocratas, os rendeiros da terra, que concentravam as honras, ameaçadas de perder uma parte de seu poder em proveito da burguesia ascendente, entenderam distinguir-se ao exaltar os valores da gratuidade: a riqueza ociosa, uma cultura Greco-romana, jogos e esportes complexas (o que desencorajava a imitação), viagens sem obrigação e para os jovens educados nos melhores colégios, a educação recebia seu acabamento com *The tour*. Acompanhados de seus preceptores, munidos de Guias eles faziam o *tour* da Europa Ocidental. Na volta, eram *gentlemen*; eles tinham o espírito *cosmopolitan*; eram “desprovidos de preconceitos”, como sublinha a Grande Enciclopédia no artigo *viagem* (educação). Os enciclopedistas falam da superioridade das nações cuja elite viaja, em relação àqueles cuja nobreza é sedentária (BOYER, 2003, p.39 e 40).

Nesta passagem, o autor sublinha o efeito de formação da viagem *The tour*, como uma viagem iniciática. Apesar de ressaltar o sentido de mudança ao espírito dos jovens aristocratas, a viagem moderna no século XVIII consolida-se, antes de tudo, como um evento social de elite, uma “formação cultural” de distinção da aristocracia em relação à burguesia ascendente⁴. A afirmação de Dr. Johnson é bem esclarecedora: “*todas as nossas religiões, todas as nossas artes, quase tudo que nos coloca acima dos selvagens, vêm das costas do Mediterrâneo, que era então o grande objetivo das viagens*” (trad. da autora) (SETA, 1996 *apud* PIMENTEL, 2001, p. 105). Assim, aparentemente, as intenções e o perfil que se apresentavam são contrários ao sentido pretendido de formação despreconceituosa, já que o *The tour* é um meio de se estabelecer a superioridade da classe aristocrata sobre as demais.

Por outro lado, o universo espacial do *The tour*, compreendido pelas religiões e obras de arte ao longo das paisagens e monumentos do Mediterrâneo, mostra-se como um conjunto de objetos selecionados e reproduzidos a partir do *Itinerário* de Montaigne. A busca pela reprodução de um trajeto se dá nos signos das paisagens e no percurso orientado pela descrição detalhada, precisa e analítica de tudo o que a vista alcança, com o objetivo de confirmar, através da experiência empírica, o que os livros diziam (BOYER, 2003). Ora, o objetivo e a forma de se olhar assemelham-se, bastante, com os olhos de Colombo e Cortez para as terras recém-descobertas.

Além disso, o “olhar” atento aos detalhes dos objetos de interesse, selecionados por estudo prévio em muitos trechos, como a viagem à Itália, “requeria preparos, afirma Corbin, “*como reunir cartas de recomendação, cercar-se dos serviços de um bom antiquário e equipar-se com bússola, relógio, astrolábio e lunetas — todos os objetos necessários a um turista consciencioso*” (CORBIN *apud* PIMENTEL, 2001, p. 106). Assim, o *The tour*, ao reproduzir uma descrição pragmática e finalista de tudo o que a vista alcança e identificar a necessidade de uso de instrumentos de localização para o conhecimento espacial, remete-nos às práticas das antigas expedições. A preparação para o *The tour* parece fundamental. Os *tour*-istas, pra-

ticantes do *tour*, eram preparados através de conhecimentos específicos para a apropriação cultural e espacial. O sentido de turista consciencioso estaria associado a uma nítida preocupação no domínio de conteúdos culturais e do espaço, como forma de apropriação objetiva, ou seja, uma tentativa de controle dos imprevistos da viagem.

Apesar de existirem diferenças próprias aos olhares de cada viajante, o *tour* ao longo do século XVIII caracterizou-se, em síntese, por uma prática cultural e espacial padronizada para o contexto da época.

O *tour* era a viagem circular: saltava-se de um ponto a outro e não havia qualquer preocupação com o espaço entre dois lugares visitados, que não era descrito nos guias nem nos diários de viagem. Para os integrantes do *tour*, só contavam os lugares que deveriam ser vistos: aqueles de que falavam os guias ou opúsculos das agências (PIMENTEL, 2001, p. 107).

Na citação acima, o padrão da viagem *The tour* torna-se ainda mais claro e permite-nos refletir, um pouco mais, sobre o olhar e, conseqüentemente, o saber produzido. As semelhanças com as interpretações pragmáticas e finalistas, identificadas por Tzvetan Todorov nos olhares dos viajantes do descobrimento e da conquista, não são coincidências. O conhecimento prévio da cultura greco-romana, a partir de livros clássicos e Guias de turismo, reforça o olhar encaminhado pelas viagens *The tour*. Não se reconhece nessas interpretações intenções de conhecimento encaminhadas a partir da experimentação do mundo.

As perguntas que caracterizam o mundo para Todorov (2011) se diferem, no contexto das viagens de descobrimento, de acordo com os sujeitos: os viajantes do descobrimento e os sujeitos da América. Para além do olhar moderno ocidental de tipo praxeológico, em que o mundo é definido pelo “o que fazer”, é reconhecido o olhar epistêmico do mundo a partir da questão do “como saber”. O olhar epistêmico se manifesta nas relações comunicativas e dialógicas que os grupos indígenas da Ameríndia cultivam com os homens, a divindade e a natureza. Trata-se para Michel Maffesoli (2000) do modo tradicional de se enfrentar a alteridade, “[...] pois a perda da individualidade nos grupos tradicionais leva à fusão com a alteridade absoluta (o grupo), o outro espiritual (a divindade) e a natureza (o outro não humano e o lado desconhecido do homem, o mundo dos instintos)” (REIS, 2011, p. 185).

Aos olhos do “descobridor”, o mundo está limitado e fechado ao conhecimento prévio elaborado a partir dos livros, no momento da pré-viagem, e dos Guias, durante a viagem. O *The tour* se caracteriza como uma expedição de descobrimento por caminhos já descobertos. Uma ambiguidade que reforça a perda de valor da *experiência* da viagem. Como vimos, no conceito de errância, o empobrecimento da *experiência do mundo* leva a perda de sabedoria e, portanto, de saber resultante da viagem e do pós-viagem. Afinal, as viagens quando intencionalmente controladas e fechadas ao si mesmo tornam-se, aparentemente, simples deslocamentos contínuos (como se fosse possível), não é mesmo? Talvez esteja aí um significado da substituição, após a revolução turística, do termo viagem pelo termo turismo.

Viagens, experiências e fronteiras: temporalidades e descontinuidades espaciais

“Viajar, sabemos, não é dado a todos” (CARDOSO, 2004, p. 351). A frase de Sérgio Cardoso, apesar de lembrar as afirmações dos “viajantes” aristocratas, suscita significados bem diferentes, se não contrários. Para o autor, os viajantes são homens inquietos, curiosos ou insatisfeitos, amantes das fronteiras que fustigam e desafiam. “(...) *Desdenham o homogêneo e o contínuo e mostram-se extremamente sensíveis às diferenças e atentos aos limites*” (CARDOSO, 2004, p. 352). Pensada dessa perspectiva, pode-se dizer que a *viagem* tem origem na atitude⁶ dos *sujeitos* viajantes, no que se refere à postura de abertura ao mundo, ao novo, ao desconhecido, ao risco. A partir desse prisma, arrisco a dizer aqui, que as viagens acontecem nas *fronteiras* (físicas e imaginárias).

[...] a fronteira é lugar pulverizado que se questiona mesmo com seus arquitetos e guardiões. O que deveria ser demarcação perceptível mostra-se espaço de transição, lugar de interpenetrações, campo aberto de interseções. O que foi concebido para ser *preciso* mostra-se *vago*. O que foi concebido para *conter* transforma o conteúdo em espaço *ilimitado*, incontido. Para além da linha que demarca é exatamente a fronteira que explicita a amplitude ou a complexidade do que não foi arquitetado para ser contido ou confinado. O que foi concebido para “por fim”, para delimitar territórios com precisão como se fosse uma linha divisória, espraia-se em uma zona de interface e de transição entre dois mundos tomados como distintos (HISSA, 2002, ps. 35 e 36).

As *fronteiras*, portanto, são móveis e passam a existir pelo movimento de abertura às interferências do mundo, ao movimento fluído de suas bordas. As fronteiras existem nos espaços de trânsito e podem ser pensadas como realidades visíveis e invisíveis, como metáfora para a compreensão do *encontro* do sujeito com mundos outros. Desde que nascemos, lidamos com as fronteiras existentes entre o nosso corpo e o mundo fora dele. Somos desafiados a viver em contato com o mundo e é na relação que construímos com ele que elaboramos cultura, saber. É nele, também, que encontramos a oportunidade de aprendermos sempre mais, de nos conhecermos sempre mais, a partir das aberturas ao *contágio*. Sim, contágio, uma energia conscientemente compartilhada (REIS, 2011), uma experiência potencial das zonas de interface, de fronteiras, que desconstrói a noção de purismo nos contextos sociais.

O limite, ao contrário da fronteira, se manifesta no campo fechado, homogêneo e contínuo, no espaço apreendido pelo sujeito como extensão, unidade que cega e ofusca (CARDOSO, 2004). Ofuscadas pelo olhar moderno, as viagens entendidas como distâncias contínuas focalizam o tempo como uma extensão restrita ao limite que caracteriza tudo aquilo que é previamente conhecido, ao si mesmo. Na viagem *The tour*, a suposta interpretação de uma série de pontos de observação consecutivos, contínuos, pensados como partes simultâneas e lineares possibilitariam a transformação do sujeito? Qual o significado da experiência e do saber da viagem *The tour*?

Conforme o pensamento de Sérgio Cardoso, a possibilidade da viagem estaria em duas unidades pressupostas: a do *espaço como extensão* e a do *sujeito*. No entanto, quando a viagem é concebida a partir da extensão espacial cria-se uma falsa realidade. Pode-se dizer que a projeção do trajeto é, até mesmo, uma condição *si ne qua non* para tal “viagem” (CARDOSO, 2004). Mas, nessa condição, a experimentação do mundo se torna supostamente limitada aos objetos de interesse (os pontos de visitação) que criam e definem o

trajeto como um espaço contínuo, uma abstração. Ora, o espaço social não é uma abstração e, portanto, uma realidade independente do sujeito. Aquele pensamento reflete uma ambiguidade própria a visão moderna, que separa o sujeito da ação e do objeto.

No *tour*, os caminhos e os meios para atingir um ponto a outro, o “entre” dos “lugares” de interesse, eram inevitáveis e, muitas vezes, desconhecidos. Talvez a condição de estranhamento e de aventura impostos pela necessidade da travessia de um ponto a outro, permitiria ao viajante atento do *The tour* o acontecer próprio das experiências de abertura, de fronteira, que dariam sentido às viagens. Experiências de fronteiras, resultantes do contágio e da experimentação do mundo para além dos limites postos e previamente conhecidos. Exatamente por isso, suspeitamos que os espaços de intersecção e interferência entre os pontos de visita, que, a priori, seriam lacunas, ausências no *tour*, são espaços potenciais para a elaboração de experiências errantes, produtoras de sabedoria.

No *tour*, podemos dizer que o movimento (que é próprio do *sujeito*) estaria condicionado à projeção do trajeto (o ponto de partida, os pontos intermediários e o ponto de chegada). Mas, se considerado assim, além da afirmação da separação de ambos os pontos, teríamos a sobreposição da suposta unidade espacial sobre o *sujeito*. Ou seja, o espaço separado do tempo e, portanto, dos sujeitos. Ora, já dissemos aqui que o espaço não é uma abstração, o espaço é social (SANTOS, 1996). Se fosse possível, a “viagem” consistiria mesmo de saltos, ponto a ponto, definidos por um trajeto, por uma suposta extensão contínua. Essa condição ignora ou rejeita as noções de temporalidade e descontinuidade espacial.

Em relação à questão da temporalidade, Merleau Ponty (1999) apresenta uma interpretação que supera a noção dicotômica de tempo e espaço. Não mais entendida a partir do modelo do deslocamento (abstração), mas como dimensão constitutiva de um mesmo “campo de transcendência” ou “campo de presença”, fundadora de uma diferenciação interna que se altera constantemente. Talvez esteja aí um primeiro elemento que ofereceria uma singularidade ao fenômeno da *viagem*. Como “campo de presença”, a *viagem* inscreve uma abertura do sujeito no tempo presente. Nesse sentido, não seria a medida, extensa ou curta, do tempo que condicionaria a *experiência da viagem*, mas, o estado de “presença”, permeada pelo “*inacabamento e indeterminação que se encontra justamente a sua abertura para o outro, para o ausente, ou ainda _ para usar sua expressão mais cara, para o invisível*” (CARDOSO, 2004, p. 356). Seria o “campo de presença” definidor da passagem, da travessia que permite a criação do *campo de fronteira*, um espaço aberto por intersecções.

As descontinuidades espaciais, da mesma forma, são resultantes das *subjetividades espacializadas*, “*um movimento de exteriorização da subjetividade, entendendo-a não como um traço interior e construído subcutaneamente, mas antes, a subjetividade como uma espacialização, uma prática espacial*” (MARQUES, 2009, p. 238). As recentes discussões sobre a geografia experimental e portátil compreendem práticas que não permitem mais a separação entre produção cultural e produção do espaço. Ao contrário da associação da subjetividade a noções de introspecção e isolamento, incorpora-se a ela a prática do movimento e do trânsito, variáveis e portáteis. São as subjetividades dos sujeitos, na sua dimensão externa, que criam as descontinuidades espaciais e permitem a experiência da alteridade no *campo de fronteira*, o *olhar* para si mesmo a partir do encontro no outro visível e invisível. Neste sentido, a realidade do outro, do mundo, como exterioridade seria apenas uma passagem, um espaço intermediário no processo de elaboração da experiência. A experiência, nesse sentido, dependeria da relação que o sujeito cria com o mundo. Quanto maior a abertura do sujeito atento ao mundo, maiores as possibilidades de experimentação e sabedoria. Esta perspectiva renova o sen-

tido de alteridade compreendida, em muitos casos, como o reconhecimento do outro apenas como externalidade corporal.

Para Clifford (1991), a cultura pode ser compreendida como viagens translocais, que comportam a noção de portabilidade. Nesse caso, a portabilidade do campo ocorre a partir da experimentação cultural possibilitada pelo *trânsito do sujeito*. A natureza do movimento criador da experiência de viagem, não se refere, nessa perspectiva, à movimentação do sujeito pelo espaço, mas aos processos de transformação subjetiva possibilitados pelo sujeito atento ao mundo. Sujeitos abertos ao mundo porque conscientemente incompletos. Sujeitos que buscam, no campo de fronteira, no encontro permanente com o mundo e os outros (os outros homens, a natureza, o outro não humano, e o outro espiritual) conhecerem-se mais. Caso contrário, estaríamos nos referindo a uma experiência de imobilidade, própria, como vimos, aos sujeitos fechados ao mundo, ou quase fechados, como os descobridores ou conquistadores da América, como Colombo e Cortez e, supostamente, os viajantes do *The tour*.

Nesse sentido, estamos nos referindo a modalidades de experiência do tempo e espaço diferentes: ao deslocamento sem e com mobilidade. Ou seja, ao ato de deslocar-se sem viajar e de viajar sem deslocar-se. É o desejo de transformação dos sujeitos que cria a possibilidade do trânsito com o mundo. O movimento, por sua vez, cria espacialidades. Assim, as viagens não dependeriam, a priori, de um deslocamento físico e de uma distância mínima para existirem. Ao contrário, o que imprime existência às viagens são os processos intersubjetivos que ocorrem entre os sujeitos das viagens.

A ação do sujeito no campo de fronteira transpõe a tendência ao percurso retilíneo, do caminho mais fácil. próprio às zonas de conforto, ao mais difícil. Trata-se do campo de conhecimento resultante da abertura e do desejo do contágio, da interferência do desconhecido. Colocar-se na condição de fronteira, eis o desafio da viagem! Pensar a natureza da *viagem*, nessa perspectiva, suscitaria uma *epistemologia de fronteira*.

O acontecer no campo de fronteira significa, também, a *experiência do conflito*. Conflitos que surgem nas relações intersubjetivas com o mundo e que, muitas vezes, levam a construção de novas identidades.

O distanciamento das viagens não desenraiza o sujeito, apenas diferencia seu mundo (...) para deixar penetrar o tempo. (...) O que ela nos faz mais profundamente compreender é que, o outro, só o alcançamos em nós mesmos, que o estranho – quando não é absoluta exterioridade e não-sentido – está prefigurado no sentido aberto do nosso próprio mundo, inscrito no fluxo e no movimento da sua temporalidade (CARDOSO, 2004, p. 360).

A experiência própria de estranhamento, muitas vezes contrária ao prazer, não é relativo ao outro externo, mas sempre ao outro potencial ao sujeito. Desse prisma, a experiência de estranhamento pode levar à transformação do viajante (de nós mesmos) e, portanto, de nossas identidades, a forma cultural como nos posicionamos no mundo e projetamos nosso futuro.

As práticas espaciais proporcionada pelas *viagens turísticas*, certamente produzirão saberes resultantes de processos de identificação (CUCHE, 2002). No jogo que se estabelece pelos processos de identificação nascem as possibilidades de transformação dos *sujeitos*. A identidade existe sempre em relação à outra. Desse modo, identidade e alteridade estão sempre ligadas, não existindo identidades unicamente para si. As transformações proporcionadas

pela elaboração da experiência resultariam na criação e recriação constante dos *sujeitos, sujeitos dos saberes* (HISSA, 2011). Cria-se, assim, um *dever* constante próprio às “almas inconstantes”, que permitem novos posicionamentos e as renovações de conhecimento. As *viagens*, assim, são pensadas como passagens que permitem a aprendizagem das alteridades espaciais.

O desafio da experiência na contemporaneidade

O tema da experiência tem sido discutido, principalmente, a partir das contribuições de Walter Benjamin, no que se refere ao *empobrecimento da experiência* na modernidade. As diferenças entre os termos *vivência (Erfahrung)* e *experiência (Erlebnis)*, de Benjamin (BENJAMIN, 1983), tem sido utilizado de forma recorrente para diferenciar a relação que os sujeitos estabelecem com o outro, tendo em vista o aumento das velocidades do mundo. As experiências seriam coletivas e memoráveis, já as vivências, superficiais. Outros autores reforçam esta visão e apresentam expressões novas para a questão, como a expressão *desperdício da experiência*, utilizado por Boaventura de Souza Santos (SANTOS, 2011) ou mesmo a condição de *expropriação (destruição) da experiência*, de Giorgio Agamben, filósofo italiano (AGAMBEN, 2005). Ambos, no entanto, se referem ao processo de enfraquecimento da experiência, a partir do desejo do sujeito moderno contemporâneo de se enclausurar (fechar em si mesmo) e se liberar das experiências (coletivas), ou mesmo, da incapacidade contemporânea de experimentar e transmitir experiência nas mais diversas situações, desde os locais mais prováveis até as situações mais inesperadas. O que estão em questão são as relações e não as estruturas.

Na contemporaneidade, observam-se situações de modalidades de tempo e espaço radicalmente distintas. “*Estão em jogo o caráter da subjetividade e o papel da experiência estética no desnudamento ou na negação da essência, em meio a uma fugacidade ainda mais radical e de outra ordem*” (ARAÚJO, 2004, p. 27). O autor (2004) esclarece sobre a natureza das expressões de mudança que tornariam frágeis, caducas, as categorias e conceitos dominantes nas epistemes modernas e sustentariam, por outro lado, novas formulações sobre os homens.

Pensar o turismo na contemporaneidade, portanto, não seria apenas importante, mas apresentar-se-ia como necessário. O olhar moderno ocidental hegemônico criou a falsa imagem de neutralidade do sujeito e, assim, anulou o sujeito da ciência, das artes, da pesquisa, do mundo, ao vincular a ideia de objeto a ser investigado como realidade externa ao eu. Nesse sentido, o turismo foi concebido a partir de modelos teóricos abstratos, a partir da sistematização de trocas comerciais que se dão no espaço, mais especificamente, a um padrão de olhar, a um padrão de consumo de bens e serviços operados pelo capital financeiro e midiático, sob uma lógica universalizante. Trata-se, nesse caso, de uma tentativa de captura do poder simbólico dos sujeitos para reprodução de comportamentos de interesse ao mercado global. Nesse sentido, o homem contemporâneo, desatento, se vê pressionado a reproduzir um padrão de vida e de viagem, muitas vezes, contrário ao seu desejo. Ora, é exatamente diante da condição extrema que emergem, em contradição a tendência à homogeneização, movimentos alternativos em busca de experiências mais autênticas, mais humanas. As emergências sempre existiram. Basta querer vê-las. Somente o olhar cuidadoso e aberto ao mundo permitirá ao sujeito contemporâneo ser honesto consigo mesmo e com o outro.

No campo epistemológico, mais uma vez, as contribuições de Felix Guatarri e Gilles Deleuze e Friedrich Nietzsche, para citar apenas alguns, oferecem contribuições que superam

a hegemonia das metanarrativas e, ao sujeito, é “devolvida” a capacidade de criação e imaginação que caracteriza a existência humana. Nesse sentido, não se trata de uma incapacidade do homem contemporâneo de experimentar o mundo e conhecer-se mais, mas de uma tentativa do mercado global de manutenção das condições hegemônicas.

Outra contribuição sobre o potencial dos sujeitos para a renovação de seu campo de conhecimento se refere à teoria da experiência estética. As questões relacionadas à subjetividade e à experiência estética têm sido tratadas, com maior fôlego, por autores no contexto das artes e filosofia, de onde se observa as maiores contribuições. “*Em outras palavras, é preciso suspender a realidade cotidiana, afastando-se dela por meio da arte, e abandonar os papéis sociais – liberar-se, em fim _ para poder experimentar novas maneiras de lidar com a vida*” (REIS, 2011, p. 186). Através do pensamento de H. R. Jauss, a autora apresenta uma síntese da função transgressora da experiência estética no contexto contemporâneo. A noção de experiência estética de H. R. Jauss é um contraponto à tendência de redução ou mesmo da incapacidade de experimentar, ao afirmar apresentar reflexões relativas a criação de novas experiências e ângulos de visão.

Paradoxalmente, autores como Lipovetsky destacam a ampliação de subjetividades estéticas na contemporaneidade, não no sentido das experiências de alteridade, mas à estética romântica (LIPOVETSKY, 2005). O autor apresenta uma contribuição crítica para os tempos atuais, quando a sociedade através de práticas hedonistas, que supostamente romperiam com as estruturas de normatização modernas, reproduzem, de forma adaptada, a lógica mesma da modernidade. Na hipermodernidade, o consumidor busca o privado e não somente o *status* e o reconhecimento do outro como si mesmo. Uma modalidade de tempo e espaço totalmente avessa à experiência de alteridade. Novamente, a reflexão inicial das viagens *The tour* nos dá pistas para a compreensão das bases fundadoras do turismo moderno. De *status* e forma de diferenciação social, próprio do início da modernidade, o turismo transforma-se, na contemporaneidade, em desfrute privado do espaço pelo turista que se vê fechado em si mesmo, fechado para a experimentação do mundo, mesmo diante de contextos permeados por experiências tradicionais.

Pergunta-se, qual o sentido da viagem turística contemporânea? Como já afirmado por outros autores, o homem contemporâneo vive uma condição de crise extremada e, com ele, a *viagem*. O paradoxo, observado por Lipovetsky, está estampado hoje nos slogans das empresas de turismo que vendem “experiência” como forma de “felicidade”. Ora, muitas vezes, as viagens turísticas são vendidas como lenitivo para manter, cada vez mais, o sujeito afastado de si mesmo e do outro, em condições de cegueira e imobilidade. O pior é que, em muitos casos, o turista volta da “viagem” achando que comprou felicidade e que se transformou! Quanto engano!

Como seria possível comprar experiência humana? Como vimos, a experiência é um processo de elaboração significativa dos sujeitos, não são adquiridas sem que haja um olhar epistêmico voltado ao “como saber”, ao aprender humano e coletivo, ao desejo de conhecer-se mais.

As discussões sobre a experiência, na contemporaneidade, tornam-se frágeis, caducas, as bases que sustentam o paradigma turístico hegemônico. Não apenas do ponto de vista da reprodução de metanarrativas, mas, também, do ponto de vista ético e humano. Ou seja, as reflexões sugerem que a categoria turista, condicionada pelo padrão turístico moderno, definido e inventado pelas viagens *The tour*, cria um desnível, uma ruptura com a realidade simbólica em si, compreendida a partir das potencialidades da relação dos sujeitos com o

mundo, com a vida. Mas romper com as experiências de viagem significa romper com o sujeito. Se o turismo enquanto prática espacial pressupõe a mobilidade dos sujeitos e não o deslocamento de objetos vivos (por mais óbvio que possa parecer, é necessário dizer que são os homens que viajam com seu corpo e suas subjetividades, e não as suas malas), haveria possibilidade de compreendê-lo como ausente de vontade própria ou, ainda, como uma simples mercadoria?

As informações sobre as viagens *The tour*, aqui apresentadas, consistem em projeções, abstrações. O espaço contínuo, pensado como uma extensão linear interligada por pontos isolados, não existe por si mesmo, frente a noção de complexidade do mundo, de Edgar Morin. Não há como admitir a existência de deslocamentos contínuos feitos por sujeitos, por mais pobres que possam ser as modalidades de tempo e espaço, a menos que reconheçamos o espaço e os sujeitos como objetos, coisas estritamente materiais.

O que se pode pensar, nesse momento, é que a experiência da viagem turística, para ser significativa, encontra seu potencial na *experiência de fronteira*, um olhar (de corpo inteiro) atento, cuidadoso, aberto do sujeito para a experimentação do mundo e suas alteridades espaciais. Uma atitude comunicacional, dialógica, com o mundo e todos os seus outros. Uma experiência de atravessamento para o encontro no outro, uma passagem para o encontro de nós mesmos. Penso que encontrar o outro em nós mesmos significa o encontro de si mesmo no outro. Trava-se, assim, uma relação dialógica entre o outro de si mesmo e o outro do outro. A viagem, aqui, é pensada como travessia, transformação, passagem permitida pelo campo de fronteira.

A ideia de *viagem turística* atravessaria, quem sabe, as nossas essenciais “lacunas de existência”. “Viajo para me encontrar no outro”, mesmo que tudo isso possa significar a experiência do conflito. A ênfase dada ao caráter espacial da *viagem turística* faz com que reconheçamos a complexidade, a pluralidade, a diversidade que caracteriza a experiência espacial. Por outro lado, o reconhecimento da complexidade do mundo atual exige dos pesquisadores uma epistemologia que se abra a transitividade, ao movimento dialógico entre os sujeitos e seus campos de conhecimento. O estudo da natureza das viagens suscita, portanto, uma epistemologia da viagem, de fronteira. Refletir a natureza das viagens turísticas, nesse sentido, requer a compreensão profunda do saber turístico contemporâneo e da potencialidade do movimento do sujeito de experimentar e de transformar o seu campo de conhecimento.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. Ensaio sobre a destruição da experiência, original de 1978. *In: Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ARAÚJO, F. **Saber sobre os homens, saber sobre as coisas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BOYER, M. **História do Turismo de Massa**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BENJAMIM, W. **Sobre alguns temas em Baudelaire**, Coleção Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural: 1983.

- BENJAMIM, W. **Experiência e pobreza**, original de 1933. *In*. Obras escolhidas. Volume 1. Magia e Técnica, Arte e Política. Trad. Sérgio Paulo Rounet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CARDOSO, S. O Olhar do viajante (do etnólogo). *In* **O Olhar**. NOVAIS, A. (Org.), Companhia das letras, 2004.
- CARVALHO, I.C.M. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.
- CASTRO, N. A. R. O lugar do turismo na ciência geográfica: contribuições teórico metodológicas à ação educativa. 2006, 311f. **Tese**. (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- CLIFFORD, J. **Itinerarios transculturales**. Barcelona: Gedisa, 1999. 493 p
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Florianópolis: EDUSC, 2002.
- CUNHA, L. Desenvolvimento do turismo em Portugal: Os primórdios. Revista online. **Fluxos e Riscos**, nº 1, 2010, p.127-149.
- HISSA, C.A. **mobilidade das fronteiras**: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- HISSA, C.; MOLDER, M. F. *In* **Conversações**: de artes e ciências. HISSA, C. (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- LEED, E. J. **The Mind of the traveller**: From Gilgamesh to global tourism. USA: Basic-Boocks, 1991.
- LIPOVETSKY, G. **A era do Vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tradução Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri: Manole, 2005.
- MASSEFOLI, M. (2000). **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa (3a ed.). Rio de Janeiro: Forense.
- MARQUES, R. Geografias portáteis: arte e conhecimento espacial. Belo Horizonte: IGC/UFMG, 2009. (**Tese**, Doutorado) (Mimeo).
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: M.Fontes, 1999.
- PANOSSO NETO, A. **Filosofia do Turismo**: Teoria e epistemologia. Editora ALEPH, 2005.
- PIMENTEL, T. V. Viajar e narrar: toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras. **Varia Historia**, Belo Horizonte, nº 25, Jul/01, p.81-120.
- REIS, E. L. de L. **Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural**: a literatura de Wole Soyinka. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011
- SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Versão ampliada da Oração de Sapiência proferida na abertura solene das aulas na Universidade de Coimbra no ano lectivo de 1985/86. 85/86.

SANTOS, B. de S. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 8. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitex, 1996.

PIMENTEL, T. V. Viajar e narrar: toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras. **Varia Historia**, Belo Horizonte, nº 25, Jul/2001, p.81-120.

TODOROV, T. **A Conquista da América**: a questão do outro. Trad. Beatriz Perrone Moisés. – 4ª Ed. São Paulo: Editora VWF Martins Fontes, 2010.

Notas:

¹ A geografia do turismo a partir da metade do século XX se apresenta, predominantemente, por uma abordagem neopositivista (CASTRO, 2006).

² <http://www.dicionariodoaurelio.com>

³ Voltaremos a esse assunto mais a frente.

⁴ O *The tour* (A volta) ou *The grand tour* (A grande volta) foi a viagem realizada por jovens aristocratas à Europa do Oeste, inventada pelos *gate-keeper*, aqueles que detêm a chave da “Cultura”.

⁵ Primeiramente, seria necessário distinguir as atitudes das motivações, que nos estudos de turismo definem o conteúdo das viagens de turismo. Já as atitudes se referem a um sistema de valores internalizado, um ponto de vista, uma visão de mundo orientadora dos posicionamentos dos sujeitos (CARDOSO, 2004). Portanto, as atitudes são definidoras da posição de abertura ou de fechamento que implicará diretamente nas experiências de viagem.

Fabiana Andrade Bernardes Almeida: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Email: fabianabernardes@hotmail.com

Link para currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4337508057086972>

Data de submissão: 29 de junho de 2012

Data de recebimento de correções: 21 de novembro de 2012

Data do aceite: 21 de novembro de 2012

Avaliado anonimamente